

carvalho neto

plástico
bolha

2ª edição
Revista pelo autor

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023



só escrevo quando quero

ri.

quase sem dentes.

aquela boca seminua, quando ri, não tem pudor algum. em solidariedade, eu rio. mas não vejo graça nenhuma. ele também não. porém não sabe. apenas ri.

— escreve pra mim.

— fala.

vou de canhoto hoje.

— mãe, voltei a ser bicho-solto! não, não... assim não. ela não vai sacar. escreve: minha amada mãezinha, eu agora já posso dar as caras, a polícia largou do meu pé. sou um bandido de responsa...

fala *bandido de responsa* de forma meio pausada, lenta, como se as palavras exigissem tal solenidade. e treme. treme demais.

— mãezinha, não fica na paranoia não. tá tudo bem, viu?! e o velho? fala pra ele que eu fugi de casa porque não aguentava mais tanto couro no lombo. ah... aquilo doía pra porra! não bota o porra. mas agora tô de boa. eh... a coisa por aqui não é fácil, eu quase morri. já tomei um monte de porrada, só que ninguém me segura mais, tô com sangue no olho...

a carta é longa. ele fala, gesticula e ri. ri, gesticula e fala. e treme muito. difícil definir o que é delírio ou realidade.

— o endereço?



vem um bem longe. de longe vem. e existe?
— que dia vai?
— hoje mesmo.
os dedos, enegrecidos, não param. é uma criatura cinza.
fumaça e alucinação. me presta uma continência de palhaço
e segue rindo e tremendo. ao contrário do que imagina, seus
olhos não têm sangue nenhum.

— bom-dia!
— bom-dia.
— preciso que escreva pra minha senhora.
minha senhora é ótimo!
— pode dizer.
— eu te perdoo, sua desgraçada! é difí...
— é pra colocar mesmo o *sua desgraçada*?
analisa.
analisa.
ana lisa. conheci uma assim. rio. e acho graça.
analisa.
fique à vontade. você tem todo o tempo do mundo. só
não abuse da minha paciência.
— olha, melhor não colocar o *sua desgraçada* não.
hum... foi o que pensei.
— eu te perdoo, meu amor. é difícil viver aí sozinha, eu
sei. e sendo jovem e tão bonita... mas vê se aquieta o facho e
— *aquieta o facho*?! faça uma cara engraçada que diz as-
sim você só tem a perder.
— vê se sossega e me espera que daqui a sete meses eu chego.

daqui a sete meses ela já te colocou sete pares de chifres diferentes. pra ele, hoje, eu não quero falar essas coisas. só quero pensar.

— que dia vai?

todos querem saber isso.

— amanhã.

— olha aqui o dinheiro.

— só recebo o da postagem. o atendimento é cortesia.

eu sou uma pessoa boa.

— muito obrigado.

— por nada.

caminha parecendo que os chifres pesam. a cabeça, sempre baixa, dá a impressão de que admira o bico do tênis surrado ou a bainha coronha da calça jeans encardida. assim fica difícil pra ele (e pra ela). lembremos, uma *senhora* jovem, sozinha e tão bonita.

— quero mandar uma carta.

não. você não quer e não manda. aqui quem manda (a carta, eu não mando) sou eu. e eu escrevo quando quero. minha paciência acabou.

— hoje não escrevo mais nada.

— a placa diz *aqui se es-cre-ve carta*.

— a placa pode até dizer, mas não manda em mim. ninguém manda em mim.

— homem, é urgente.

— se é tão urgente, por que você mesmo não escreve sua cartinha?

— menino,

daqui a pouco ele me chama de bebê.
— eu sei ler mais ou menos. escrever é complicado demais, me atrapalho todo.
— então, passa depois.
— não posso, tô indo pra outra cidade.
— vá em paz.
— por favor.
— não!
— o senhor é um idiota!
— obrigado. mas hoje eu não escrevo mais nada.
— por quê?
— por-que eu não que-ro.
— mas a placa...
tirei a placa.
— cai fora. tenho que passar na feira. já vou até fechar.
— idiota!
— valeu, irmão.
o homem baixinho sai resmungando.
bem que eu poderia escrever mais uma carta. o problema é que meu santo não bateu com o dele. é que eu detesto gente baixinha. não sei bem o motivo real, apenas não gosto.
fui embora contente, me lembrando daquele homem tão pequeno que sabia ler mais ou menos e não sabia escrever nem mais, só menos. a vida é cruel! mas eu não tenho nada com isso.
tirei o resto do dia pra vadiar pela cidade. vou de mochila. com a minha escrita e a vida dos outros nas costas.
mas vou.



uma pitada de cidade

leve.
purificado.

a hora mais zen do meu dia é quando coloco o lixo pra fora. é minha meditação instantânea. funciona. expurgo os demônios. o lixo leva o mal. o lixo leva uma parte de mim e dos outros. o lixo é o mal. há tratamento pra ele. mas o meu lixo continua sem cura. porque ele é o meu lixo.

acordo de madrugada. coisa antiga. durmo pouco. não tenho nenhum controle sobre isso. apenas acordo. e não durmo mais. às vezes eu nem durmo. pra nem precisar acordar. bebo café. não como muito. saio cedo e frio. às vezes não saio e fico. penso no que poderia estar fazendo. e não faço nada. quando faço, sigo de volta à rodoviária. três conduções até o destino. eu adoro isso. tenso e prazeroso. levo as bolhinhas pra estourar. no trajeto, com os dedos, devo apertar. elas liberam minha morfina interna. endorfina. guardo comigo um papel dobrado dentro de um plástico bolha. esse está sempre no bolso da calça. ando pela cidade e suas bolhas explodem. um dia ficará sem proteção. quando ela acabar, quero ver o que acontece.

vou admirando a paisagem. a cidade é hardcore. é repleta de pessoas, de automóveis, de fumaça, de asfalto, de assalto, de barulho, e de cores. é recheada de dizeres. propagandas, anúncios, convites, obituários. plena de desejos. crack, putas,

viadutos, putos, shopping center. prena de restrições. polícia, pudores, tempo e amores.

anestesiado de tanto ver a cidade passar.

passa. isso passa.

balanço a cabeça.

olho pra cima.

os urubus passeiam na gaiola azulada. os urubus ajudam na digestão da cidade. a cidade gera o lixo, que tem carniça e podridão. o lixo é o filho bastardo da cidade. ela vai parindo e depois não quer registrar. entrega pra eles, os urubus. os urubus dão um jeito. são as babás do *bebê de rosemary*. e não vão brincar em serviço. porque com o mal não se brinca. os urubus são minhas aves favoritas. qualquer dia eu pego um pra criar.

chego à rodoviária. oito horas da manhã. muitas vezes oito e meia. pode até ser nove, ou nove e tanta. e quem se importa? chego na hora que eu quiser. ou quando der. às vezes nem dá. e eu nem chego. me perco no caminho, sem direção. vou trocando de ônibus e acabo voltando pra casa.

mas...

se chego

abro a lojinha de doces e cachaças.

pra todos os gostos. há cachaça ordinária e requintada. doce de centavos e outros finos bem mais caros. tudo isso vende bastante. as pessoas querem tomar um trago e queimar a garganta, esquentar o frio ou sentir mais calor ainda. muitos querem se entorpecer pra encarar a cidade. também querem adoçar o amargo da boca. se entupir de açúcar. ver o sangue virar leite condensado. e as pessoas andam com crianças. crianças são formigas evoluídas.

há dias que não falo muito. só escrevo.

há dias que escrevo pouco. e falo demais.
há dias que falo muito e pouco. e não escrevo nada.
tudo depende do dia.
coloco a placa anunciando.
muitos virão. eles vêm de todas as partes.
estão chegando ou partindo.
em
trânsito.
em
transe.
uma legião.
pra muitas pessoas, quando o mundo vem em forma de
letras, tudo se torna um calabouço sem paredes nem portas,
com grilhões amarrados no invisível.
o movimento da rodoviária é intenso durante o dia.
*escreve uma carta pra mim. preciso mandar uma carta. é
caro escrever uma carta?*
pode começar assim.
— preciso mandar uma carta.
não disse?
— fala.
a caneta eu pego. hoje eu vou com a direita.
— filho, seu pai saiu da cadeia. vou visitar você e sua
mãe. estou procurando trabalho...
— não vai achar.
sem querer eu falei.
— hein?!
— nada não.
— o senhor acha que eu não sou capaz?
— não sei... só acho que pra um ex-presidiário é sempre
mais difícil. não é?

— por quê? o senhor acha que eu vou roubar de novo?
— meu amigo, deixa isso pra lá... olha, me desculpe,
nem queria falar nada.
era só pra pensar. escapuliu.
— saiu sem querer?
— isso! saiu sem querer.
— o senhor então acha que eu não mereço ouvir nada do
senhor por que sou ex-presidiário?
— ih, rapaz... eu acho que o senhor é complexado.
— o senhor tá me chamando de retardado?
— eu falei complexado.
— eu ouvi muito bem, não sou surdo.
— entendi...
— entendeu o quê? o senhor quer levar umas porradas?
— calma lá, meu amigo, estamos conversando. violência
não resolve nada.
— vai falar isso lá no presídio.
— não vou não. eu não sou da sua laia.
— agora o senhor tá me chamando de cachorro?
— nossa... a coisa tá difícil. olha, vou rasgar sua carta.
procure outra pessoa pra escrever.
— muito corajoso... só porque sabe escrever, né? pois eu
sei fazer coisas *bem* perigosas.
você não faz é ideia de como escrever é perigoso.
— isso é uma ameaça? pense direito. o senhor acabou de
sair da cadeia, quer voltar pra lá de novo? e a visita à família?
e o filhinho?
ele fica pensativo. parece que vai chorar.
interrompo a tempo.
— esqueça tudo isso, valeu? vá embora e passe bem.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em fevereiro de 2023.
